

A PERSPECTIVA ECLESIOLÓGICA DA *CHRISTUS VIVIT*: A SINODALIDADE E A RENOVAÇÃO PASTORAL À LUZ DE UMA *ECLESIA SEMPER IUVENIS* (IGREJA SEMPRE JOVEM)

Prof. Me. Pe. Francidilso Silva do Nascimento¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura eclesiológica da Exortação Apostólica *Christus Vivit*, sobre os jovens, do Papa Francisco, como uma proposta para uma Igreja sinodal e renovada pastoralmente, para tanto se apresenta o Cristo, como o eterno jovem, que leva a uma renovação constante da Igreja a partir do princípio de uma eterna juventude. Além disso, apresentam-se os elementos eclesiológicos que são identificados na exortação como proposta de uma renovação pastoral.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Jesus Cristo. Juventude. Sinodalidade. Renovação Pastoral.

¹ Professor do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), no Curso de Filosofia e Teologia. Mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

ABSTRACT

This article presents an ecclesiological reading of the Apostolic Exhortation *Christus Vivit*, on the young, of Pope Francis, as a proposal for a synodal Church and pastorally renewed, for which Christ is presented, as the eternal youth, who leads to a constant renewal of the Church from the beginning of eternal youth. Furthermore, it presents the ecclesiological elements identified in the exhortation as a proposal for pastoral renewal are presented.

KEYWORDS: Church. Jesus Christ. Youth. Synodality. Pastoral Renewal.

Introdução

O Papa Francisco escreveu, como conclusão do Sínodo para os jovens, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* (Cristo Vive), expressando a sua atenção às juventudes, mas, ao mesmo tempo, chamando a todos a olhar a juventude como uma característica importante do ser da Igreja. A prova disso é que a exortação é dirigida, além dos jovens, a todo Povo de Deus, concepção eclesiológica muito importante para a compreensão de uma Igreja participativa e de comunhão que o Concílio Vaticano II afirmou na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Essa exortação não é uma leitura apenas para os jovens, toda a Igreja (bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas) deve sentir-se interpelada a encontrar caminho para viver uma *ecclesiae semper iuvenis* (uma Igreja sempre jovem).

O ponto de partida para essa renovação é a ressurreição do Senhor. Ele ressuscitou e nós ressuscitaremos com ele e ainda nos concedeu, como aos seus apóstolos, a missão de continuar a realizar todos os seus feitos pela força do seu Espírito renovando tudo com nossa presença no mundo. O Papa Francisco recordou, no início da exortação, “CRISTO VIVE: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Por isso as primeiras palavras, que quero dirigir a cada jovem cristão, são estas: Ele vive e quer-te vivo!” (ChV, n. 1)

A Igreja tocada por Jesus, vivo e ressuscitado, é conclamada a olhar a sua missão, também, numa chave juvenil, a partir da alegria do Evangelho que preenche o coração de todos os homens e mulheres

para fazer uma experiência de encontro com Jesus. Em nossos dias, essa experiência pode ser realizada através de uma conversão pessoal e pastoral, para um anúncio querigmático e profético a serviço da vida plena.

É necessário olharmos a Jesus Cristo como o eterno jovem, que fortalecido pelo Espírito renova a sua presença na Igreja por meio da Palavra, dos sacramentos e da ação caritativa. Essa Igreja que renova a sua pertença a Cristo é sempre jovem pelo fato do Espírito conduzi-la a ser autêntica, diferente do mundo e entusiasmada através da alegria do Evangelho. É importante redescobri na *Christus Vivit* os elementos eclesiológicos que proporcionem uma renovação na comunidade eclesial e em todos os seguimentos juvenis.

1. Cristo, o Eterno Jovem

A ressurreição de Jesus Cristo é o evento plenário do Novo Testamento e a força de toda ação evangelizadora da Igreja. É a experiência fundante da Igreja primitiva que fortalecida pelo querigma continuou, pelas suas palavras e ações, seguindo os passos de Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado.

No livro dos Atos dos Apóstolos (4,1-12), diante do sinédrio, Pedro apresentou o querigma como a fonte de toda a fé, ensinando que a plenitude da salvação divina foi realizada em Jesus Cristo. Sendo esta, a grande prova do amor de Deus-Pai em nosso favor e instaura a chegada da salvação de modo definitivo. Diz-nos Irineu: “Cristo trouxe toda a novidade trazendo-se a si mesmo”.

Esse reconhecimento da ação salvífica de modo definitiva não diminui a ação continuada do Senhor, no meio de nós, pois a ressurreição pereniza a sua presença na Igreja. “Jesus ressuscitado

permanece, por seu Espírito, em meio aos seus discípulos e é Senhor do mundo através do senhorio da sua Igreja.” (COMISIÓN EPISCOPAL PARA LA DOCTRINA DE LA FE, 1992, p. 108-109).

Comentando, esse texto Santo Hipólito, na Homilia Pascal, destaca que nascemos de Cristo, luz que não se acaba. Ele enfatiza a perene ação do Ressuscitado na sua vida. Afirma o santo: “Diante das estrelas, imortais e imensas, Cristo brilha mais que o sol sobre todos os seres. Por isso, para nós que nascemos Nele, se estabelece um longo e eterno dia de Luz, que não acaba: a maravilhosa Páscoa.” Essa certeza apresentada por Hipólito, leva-nos a reconhecer que Cristo jamais envelhece, jamais a sua luz e seu vigor desfalece, pelo contrário ganha sempre mais vida quando deixamos que a sua vontade se realize em nós. E essa vontade se concretiza naquilo que o Papa Francisco destaca sobre a missão de cada um de nós:

Jesus não ilumina, de longe ou de fora, vós jovens, mas a partir de sua própria juventude, que compartilha com vocês. É muito importante contemplar o Jesus jovem que os Evangelhos nos mostram, porque ele foi verdadeiramente um de vocês, e nele se podem reconhecer muitos traços dos corações jovens (ChV, n. 33).

Por isso, a experiência de Jesus Ressuscitado deve sempre reconhecer o Crucificado que em sua missão viveu na Galileia, realizou milagres, expulsou demônios, assumiu o lugar de leprosos, se fez próximo dos injustiçados. Assim, permanecemos sempre com o Jesus Jovem que “assumiu a nossa condição humana em tudo menos no pecado.” (Hb 4,15). Esse Cristo que possui, ainda hoje, as características próprias de todos os jovens de seu tempo é o que nos encanta. Pois ele “tinha confiança incondicional no Pai, cultivou

amizade com seus discípulos, e inclusive nos momentos críticos permaneceu fiel a eles. Manifestou uma profunda compaixão pelos mais frágeis, especialmente os pobres e doentes, os pecadores e excluídos.” (ChV, n. 31)

Pelo encontro com Jesus Ressuscitado que a Igreja renova o ânimo, a alegria e o entusiasmo de proclamar a seu renovado desejo de ser discípula do Mestre e de proclamar a vida plena para todos. “Ele é a verdadeira juventude de um mundo envelhecido, e, também, é a juventude de um universo que espera com “dores de parto” (Rm 8,22) ser revestido com sua luz e sua vida.” (ChV, n. 32). Ele se apresenta a Igreja como essa nova humanidade redimida por sua ressurreição, liberta do pecado realizado por Adão. “Por Adão, cabeça da humanidade decaída, o velho homem se fizera escravo do pecado (Rm 6, 6.17; Ef 4, 22); o homem novo, desde a redenção, é a humanidade renovada em Cristo.” (LEON-DUFOUR et al, 1984, p. 655-656). Como afirma a Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*:

[...] O mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro (20), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. (n.22)

A perene juventude do jovem e da Igreja é garantida pela perene aliança entre Deus e o seu povo, não tendo a morte, mais densidade sobre os fiéis, nem a dor força sobre a alegria que se experimentará (Ap 21, 1-7). A voz de Deus que renova tudo, “eis que faço nova todas as coisas” (Ap 21,5), continua a ecoar na sua promessa de que “quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva.”

(Ap. 21,6). Concretamente, isso é vivido através do próprio batismo que, perenemente, rejuvenesce a Igreja, plantando a margem do rio caudaloso da graça todos os fiéis para verdejarem, como nos recorda o salmista falando do justo: “Ele é como árvore plantada junto a riachos: dá seu fruto no tempo devido e suas folhas nunca murcham; tudo o que ele faz é bem sucedido.” (Sl 1,3). Destarte, é bebendo da fonte do Ressuscitado que a Igreja continuará verdejante, sempre jovem, com o ardor missionário, com o desejo de renovação das estruturas eclesiais.

2. Uma *Eclesiae Semper Iuvenis*: o caminho de uma renovação pastoral da comunidade missionária

“Caminhando com os jovens se edifica toda a comunidade cristã”. (Documento Preparatório, p. 38). Essa expressão dos padres sinodais é importante para destacar a sinodalidade que é a marca da eclesiologia que o Papa Francisco aponta como processo de renovação do encontro com Jesus Cristo e com os outros. Fazer o caminho com o outro, criando proximidade, escutando as suas alegrias e tristezas, discernir junto novas balizas para redefinir o projeto de vida e ajudar a sair em missão, anunciando a experiência maravilhosa de amizade com Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo.

O papa Paulo VI deixou um legado aos jovens, encerrando o Concílio Vaticano II (08.12.1965) ele diz: “É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela [Igreja] acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro.” Os jovens são continuadores da missão da Igreja e, ao mesmo tempo, o rosto da Igreja em renovação: “[A Igreja] é a verdadeira juventude do mundo”, pois possui características juvenis: “a faculdade de se alegrar

com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas.” Essa força rejuvenescedora procede do Espírito Santo, como afirma a constituição *Lumen Gentium* (1964), que “faz ainda rejuvenescer a Igreja com a força do Evangelho, renova-a continuamente e eleva-a à união consumada com o seu Esposo” (2004, n.4)

Essa união indissolúvel entre Cristo e a sua Igreja renova sempre a capacidade de progredir como corpo místico pela ação do Espírito vivificador, que inspira a comunidade eclesial ao reconhecimento da sua condição também de pecadora e que assegura a desejo de renovação. Assim, a prática evangelizadora da Igreja será sempre respeitosa, sem condenar e se tornar inimigo do mundo (EG 271).

Assim, as palavras que inspiraram uma reflexão eclesiológica no Concílio Vaticano II, *aggionamento e diálogo*, voltam a ser apresentadas para uma renovação, pela sinodalidade, das estruturas atuais que, “muitas vezes, não respondem as inquietações, necessidades, problemáticas e feridas dos jovens.” (ChV, n. 202). Essa renovação constante é importante para que a Igreja não se acomode, nem muito menos se torne uma Igreja adoecida. O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* reafirma essa necessária e contínua renovação (EG, n. 26), apontando como se deve entender esse processo de conversão pastoral:

[...]Fazer com que todas elas [estruturas eclesiais] se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece sua amizade. (EG 27)

É nesse contexto que a *Christus Vivit* apresenta a Igreja como sempre jovem, quando é ela mesma, autêntica. É uma Igreja que não se deixa envelhecer, vivendo no passado, retraída, imóvel. Como também não é uma Igreja que cede a tudo que o mundo oferece, se escondendo e imitando os outros. (ChV, n. 35). A jovialidade da Igreja está na força sempre nova da escuta atenta da Palavra de Deus, na força da Eucaristia, na presença cotidiana de Cristo e na ação do Espírito.

Os membros da Igreja, enquanto Igreja missionária “em saída”, não devem ser “esquisitos”, mas se atrever a serem diferentes. A Igreja atrai a todos “para mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, para testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e do bem comum, do amor aos pobres, da amizade social.” (ChV, n. 36).

É importante destacar que são os jovens que podem ajudar a perenemente a comunidade eclesial a reconhecer que a “ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltou a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição.” (EG, n. 276). Esses rebentos são aqueles que se entregaram a Deus, esperança viva do ressuscitado que frutifica na Igreja pelos diversos carismas, ministérios, dons provenientes do santo Batismo.

A prova dessa fecundidade presente na Igreja é o grande número de associações e movimentos eclesiais com características juvenis, atualmente, como ação do Espírito Santo que abre caminhos. Deste modo, tem crescido a consciência de que é missão da comunidade inteira evangelizar os jovens e a urgência de um protagonismo maior por parte dos jovens. (Cf. CNBB, Doc. 85, n. 76;

CELAM, PUEBLA, nn. 556 e562; SANTO DOMINGO, n. 119; APARECIDA, 443-46).

Para tanto, é necessário que a Igreja, que se vê na ação dos jovens, favoreça ocasiões para se deixar interpelar e estimular pela ação e testemunho criativo e dinâmico das juventudes. Isso, de modo concreto, exige espaços de diálogo com os jovens, criando proximidade, através de um testemunho de fraternidade que cativa e estabeleça condições de um anúncio do Evangelho fecundo para o coração dos jovens e de toda a sociedade.

Nesse contexto de proximidade e fraternidade para aprender com os jovens a ser uma Igreja renovada e dialogal, é preciso acompanhar os jovens. A Pastoral Juvenil propõe um projeto de vida baseado em Cristo: a construção de uma casa. É necessária uma continuidade natural entre a Pastoral Juvenil e a Pastoral Familiar, para acompanhar de modo integral o processo vocacional dos jovens.

A comunidade desempenha papel muito importante no acompanhamento dos jovens. É responsável por acolhê-los, motivá-los, encorajá-los e estimulá-los[...] e não os julgar continuamente ou lhes exigir uma perfeição que não corresponde a sua idade. (ChV, n. 243). Acreditando no valor teológico e pastoral da escuta, vale a pena renovar as formas com as quais é habitualmente exercido o ministério presbiteral e rever as prioridades que lhes impõem. Com isso, ressalta-se a carência de pessoas especializadas e dedicadas ao acompanhamento dos jovens.

É necessário preparar consagrados e leigos, homens e mulheres, qualificados para acompanhamento dos jovens. Para tanto, o trabalho de acompanhamento dos jovens exige espera, paciência, não se deve querer ver os frutos do seu trabalho imediatamente. É importante destacar que o papel do acompanhamento não é exclusivo

dos presbíteros e dos consagrados, mas os leigos também devem poder exercê-lo. Para tanto, é necessário, assim, uma boa formação permanente. (ChV, n. 246). O Papa sugere que o carisma da escuta poderia ter um reconhecimento institucional para o serviço eclesial (ChV, n. 244).

Quais são as características que os jovens esperam encontrar em quem os acompanham? (ChV, n. 246):

- Ser um autêntico cristão comprometido com a Igreja e com o mundo;
- Que busque constantemente a santidade;
- Que compreenda sem julgar;
- Que escute ativamente as necessidades dos jovens e responda com gentileza;
- Que seja bondoso e consciente de si mesmo;
- Que reconheça seus limites e
- Que conheça a alegria e o sofrimento que todo caminho espiritual implica;
- Quem acompanha deve reconhecer sua própria humanidade. Que são seres humanos que cometem erros: pessoas imperfeitas, que se reconhecem como pecadores perdoados. (ChV, n. 246)

3. Elementos Eclesiológicos a partir da *Christus Vivit*

a. Sinodalidade

Os padres sinodais reconheceram que “[...]para ser credíveis, devemos realizar uma reforma da Igreja que implique a purificação do coração e mudanças de estilo de vida.” (Documento Final, n. 118). O

fruto deste Sínodo, a opção que o Espírito nos inspirou através da escuta e do discernimento é caminhar com os jovens, indo ao encontro de todos para lhes testemunhar o amor de Deus. (DF, n. 118) “[...]‘O estabelecimento duma Igreja sinodal é pressuposto indispensável para um novo impulso missionário que envolva todo o Povo de Deus’.” (Documento Final, n. 118)

O convite que o Papa Francisco fez aos jovens, no período do sínodo, foi que, sem medo, dissessem como eles viam a Igreja e qual o caminho seguir. Os próprios jovens são agentes da Pastoral Juvenil, acompanhados e orientados, porém livres para encontrar novos caminhos com criatividade e audácia (ChV, n. 203). Eles nos fazem ver a necessidade de assumir novos estilos. (ChV, n. 204)

A Pastoral Juvenil necessita adquirir outra flexibilidade e chamar os jovens a eventos, onde não só recebam formação, mas que possam compartilhar a vida, celebrar, cantar, ouvir testemunhos reais e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo (ChV, n. 204). Reunir as boas práticas (metodologias, linguagens, motivações) para atrair os jovens a Cristo e a Igreja. O que é importante não são “as bandeiras”, mas recolhermos o que deu bons resultados e seja eficaz para comunicar a alegria do Evangelho (ChV, n. 205).

A Pastoral Juvenil só pode ser sinodal, só podendo formar um “caminhar juntos”. Assim, podemos nos encaminhar para uma Igreja participativa e corresponsável[...]. Ninguém deve ser colocado ou colocar-se de lado. (ChV, n. 206/ DF, n. 118). A Igreja pode atrair os jovens, justamente, porque não é monolítica, mas uma comunhão de dons variados. Conforme diz a *Christus Vivit*: “[Na sinodalidade] Aprendendo uns com os outros, poderemos ser reflexo melhor desse poliedro maravilhoso que deve ser a Igreja de Jesus Cristo.” (ChV, n. 207).

b. *A Igreja como lar de todos*

É necessário desenvolver e potencializar muito mais nossa capacidade de acolhida cordial dos jovens. Muitos estão em profunda situação de orfandade. Compreendida como experiência de descontinuidade; desenraizamento e a queda das certezas básicas. Nossa resposta deve ser criando espaços fraternos e atraentes onde se viva com sentido. (ChV, n. 216) “Criar ‘um lar’ é criar uma família. [...] Criar lares, ‘casas de comunhão’... E isso implica pedir ao Senhor que nos dê a graça de aprender a termos paciência, a perdoamos a nós mesmos; aprender a recomeçar todos os dias.” (ChV, n. 217)²

As instituições eclesiais precisam oferecer aos jovens lugares apropriados que possam organizar a seu gosto e entrar e sair livremente. Os grupos de jovens, constituem um recurso para compartilhar a fé e ajudar-se mutuamente no testemunho. “Os jovens são capazes de guiar outros jovens a viver um verdadeiro apostolado entre amigos.” (ChV, n. 219)

A escola é uma plataforma para aproximar-se das crianças e dos jovens. Necessita de uma urgente autocrítica, considerando os resultados da pastoral centrada na instrução religiosa. Colégios católicos que se transformaram em *bunker* (abrigo) que protege dos erros “de fora”: realidade descontextualizada. (cf. ChV, n. 222)

A carta *Veritatis Gaudium* destaca o caminho que as Escolas e Institutos Católicos devem trilhar: a experiência do *kerygma*; o diálogo em todos os níveis; a interdisciplinaridade e

² Cf (DGAE, 2019, nn. 4;80;130-31).

transdisciplinaridade; o fomento à cultura do encontro, a necessidade urgente de “criar redes” e a opção pelos últimos. (ChV, n. 222);

c. Os diversos carismas

Os grupos que se reúnem para adorar o Santíssimo e rezar a Palavra de Deus. Jovens abertos às propostas contemplativas. “É preciso encontrar os estilos e as modalidades apropriadas para ajudá-los.” (ChV, n. 224). Os jovens pedem propostas de oração e momentos sacramentais que incluam a sua vida cotidiana em uma liturgia nova, autêntica e alegre.

Os jovens, afirma a exortação, possui uma abertura ao serviço às crianças e os pobres. O desejo de serviço de modo voluntário (n. 225). As expressões artísticas, como teatro, a pintura etc. A linguagem musical é um recurso pastoral, pode ser um grande estímulo para a caminhada dos jovens. Desafia a liturgia e sua renovação. Eles tem em si o rosto de uma Igreja comprometida com os pequenos e marginalizados.

As práticas esportivas, a importância da Igreja neste campo. Ajudar essas práticas a superar as ambiguidades. O cuidado com o meio ambiente – via de iniciação na fraternidade universal e na oração contemplativa.

d. Pastoral Juvenil Popular

O Papa Francisco faz o apelo para dar lugar a uma Pastoral Juvenil Popular (n. 230). Uma pastoral mais ampla e mais flexível, que estimule, nos distintos lugares onde concretamente circulam os jovens reais, essas lideranças naturais e esses carismas que o Espírito Santo

já semeou entre eles. Não colocar tantos obstáculos, normas, controles e estruturas obrigatórias a esses jovens fiéis, que são líderes naturais nos bairros e em diferentes ambientes. É necessário acompanhá-los e encorajá-los.

Quem são esses líderes populares? São aqueles que têm a capacidade de incorporar todos, incluindo na marcha juvenil, os mais pobres, fracos, limitados e feridos. Não tem medo dos jovens feridos e crucificados. Em vez de “sufocá-los” com um conjunto de regras... somos chamados a educá-los a assumir as responsabilidades, com a certeza de que o erro, o fracasso e as crises podem fortalecer sua humanidade.

“No sínodo, exortou-se a construir uma Pastoral Juvenil capaz de criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todos os tipos de jovens e onde se manifeste que somos uma Igreja de portas abertas.” (ChV, n. 234) “Deve haver espaço para todos aqueles que têm outras visões da vida, professam outros credos ou se declaram alheios ao horizonte religioso.” (ChV, n. 235)

A partir da afirmação da *Christus Vivit*: “Todos os jovens, sem exclusão, estão no coração de Deus e, portanto, no coração da Igreja.” (ChV, n. 235). O Papa Francisco reconhece que “nós francamente reconhecemos que nem sempre esta afirmação que ressoa em nossos lábios encontrou uma expressão real em nossa ação pastoral [...]” (ChV, n. 235).

e. A missionariedade

A Pastoral Juvenil envolve duas grandes linhas de ação: 1) A busca, a convocação, o chamado que atrai novos jovens para a

experiência do Senhor; 2) O crescimento, o desenvolvimento de um caminho de amadurecimento dos que já viveram essa experiência.

1) A Busca:

- Diz o documento: O papa confia “na capacidade dos próprios jovens, que sabem encontrar os caminhos atraentes para convocar. [...] É preciso estimular os jovens e dar-lhes liberdade para que se entusiasmem com a missão nos ambientes juvenis.” (ChV, n. 210);
- “Cada jovem se atreva a semear o primeiro anúncio nessa terra fértil que o coração de outro jovem.” (ChV, n. 210);
- Privilegiar a linguagem da proximidade. Aproxima-se com a gramática do amor, não com proselitismo; (ChV, n. 211);
- Temos que buscar como encarnar o *kerygma* na linguagem que falam os jovens hoje;
- “A linguagem que o jovem entende é a daqueles que dão a vida, de quem estar ali por eles e para eles, e daqueles que, apesar de suas limitações e fraquezas, tratam de viver sua fé com coerência.” (ChV, n. 211);

2) O Crescimento:

- É preciso diminuir “formação” doutrinal e moral; suscitar e enraizar as grandes experiências que sustentam a vida cristã.
- Não se estar recusando essa formação, mas é necessário que os jovens sejam formados em dois grandes eixos: o primeiro, o aprofundamento do *kerygma*; e, o segundo, o amor fraterno, a vida comunitária, o serviço. (ChV, n. 213);

- É, justamente, ajudar os jovens a crescer na fraternidade e viver como irmãos, ajudar uns aos outros, a criar comunidade, a servir os outros e estar próximo dos pobres. (ChV, n. 215);
- Não é necessário um longo caminho para ser missionário. Sendo capaz de comunicar o bem, o jovem, mesmo com fragilidades, é sempre missionário (ChV, n. 239);
- A Pastoral Juvenil deve ser sempre missionária. Os jovens crescem quando se atrevem a visitar casas. As missões juvenis podem causar uma renovação da experiência da fé e até propostas vocacionais sérias. (ChV, n. 240);
- Os jovens podem criar outras formas de missão. Por exemplo, “enchendo as redes sociais de Deus, de fraternidade, de compromisso. (ChV, n. 241);

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Exortação Pós-Sinodal para os jovens e para todo povo de Deus reapresenta grandes linhas do programa do pontificado do Papa Francisco. É um chamamento feito por ele a uma “Igreja em Saída”, anunciadora do querigma, misericordiosa, servidora e impulsionada pelo Espírito. Essa reflexão feita convida a todos nós a repensarmos a nossa ação como Igreja no mundo, convertendo-nos pessoalmente e eclesialmente.

A Pastoral Juvenil, como toda a Igreja, sofreu impactos sociais que devem colocá-la nessa estação, que a *Christus Vivit* aponta, como uma oportunidade de renovar sua dinâmica evangelizadora à luz de Cristo, o eterno jovem. É a partir dele que toda a Evangelização ganha sentido de ser, não por meio de ideologia.

Essa pausa se fundamento do desejo de caminhar com os irmãos, como Igreja a caminho, seguindo Jesus Ressuscitado que percorre conosco, na escura noite, a travessia das nossas dores, desilusões e desesperança, dando cor e ânimo a nossa missão. Ele é quem renova toda a Igreja, pois pela sua ressurreição não teremos mais as rugas do pecado que envelhece a vida da Igreja.

Essas rugas permanecem numa Igreja que não se renova, que não se deixa iluminar pela graça de Deus, vida plena para todos. Nesse sentido, olhando para Maria, a jovem de Nazaré, vemos a imagem da Igreja. Ela pelos méritos do seu Filho, imaculada e sem mancha do pecado, foi elevada ao céu sem ruga alguma. Maria é a imagem da Igreja eternamente jovem, tocada pela graça de Deus, ela nos eleva profundamente a desejar sermos fiéis até o fim.

A jovem de Nazaré, primeira discípula de Jesus, não só carregou consigo a esperança da ressurreição, como também reuniu ao seu redor os apóstolos para que inflamados pelo Espírito Santo, em Pentecostes, continuaram anunciando e realizando o que o Mestre mandou. É ancorada neste exemplo que a Igreja deve olhar para si, no desejo de ser entusiasta e cheia do Espírito que renova o mundo.

REFERÊNCIAS

BIBLIA DE JERUSALÉM. 4ª impr. São Paulo: Paulus, 2006.

COMISIÓN EPISCOPAL PARA LA DOCTRINA DE LA FE.
Cristo Presente en la Iglesia. In.: CONGREGACION PARA LA
DOCTRINA DE LA FE. **El Misterio Del Hijo De Dios**: Declaración
y comentário. 2. ed. Madrid: Palabra, 1992. pp. 73-116.

GAUDIUM ET SPES. Disponível em: < Gaudium et spes (vatican.va)>. Acesso em: 15 jul. 2021.

LEON-DUFOUR, Xavier et al. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

LUMEN GENTIUM. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

_____. **Christus Vivit**. São Paulo: Paulinas, 2019.